

Era então hora de ir: um homem juntou seus trapos em uma trouxa e subiu montanhas, subiu montanhas, subiu montanhas tão altas que no topo eram cobertas de neves perpétuas que não derretem. Passaram anos e passaram meses e passaram dias e o homem seguia subindo montanhas, andava e cansava e dormia e voltava a tentar com as pernas compridas chegar lá em cima. Mas as distâncias se projetavam a cada vez um pouco mais longe, as horas corriam quilômetros e adiavam todo dia um pouco ainda o topo das montanhas: mesmo que esse homem enfim alcançasse o cume, o chão sob os pés era baixo, sempre abaixo do seu corpo. Por isso ele olhava ao redor no campo aberto ao pé da montanha, às vezes se detinha por um segundo; via uma abelha, via um condor, retomava sua trilha que não acabava nunca. Subia montanhas, subia montanhas, subia montanhas.

Havia uma planta de folhas pequenas num vaso de barro chamada cansaço. Um homem todos os dias regava suas raízes e a deixava ao sol. Ela crescia indomada e como que indiferente aos cuidados recebidos: ramificava-se rápido, fazia crescer botões que logo abriam em flores com pétalas esquisitas, agarrava as paredes da casa e chegava até os pés da cama. A planta avançava à noite mais que durante o dia: o homem quando acordava tropeçava nos galhos da trepadeira, e passava as horas da tarde retirando da sua roupa as folhas secas grudadas.

Neste dia escuro cheio de futuro você se hospeda nas conchas que ficaram cravadas na areia mais profunda do oceano. Mergulhadores, escafandristas com seus galões de oxigênio empenham-se para chegar ao ponto onde você está: nadam sempre para baixo agitando os pés de pato, avançam mais na descida, sentem as centenas de metros de água salgada que fazem pressão nas suas máscaras de bronze. E quando conseguem atingir as ostras dentro das quais acreditam que você se abriga, quando enfim encostam na pérola, percebem que aquele ainda não é o fundo, que não alcançaram finalmente as profundezas, e voltam cansados para a superfície onde os raios de sol confundem a vista.

O futuro tem orelhas muito grandes e tem olhos muito grandes mas não fala e não tem voz. Só me observa, só me escuta: cada gesto e cada passo meu, o futuro os acompanha, muito quieto, muito velho, cúmplice mudo de tudo o que eu faço. O futuro tem ouvidos fundos, mais fundos que o fundo do mar; no entanto ele não tem braços, não tem mãos e não caminha. Eu não sei por onde olhá-lo porque sempre que o procuro suas formas se desmancham: mas sei que ele me contorna, sei que decide os meus traços, sei que avanço no espaço porque o futuro me segue e sabe as coisas que eu quero e sorri centenário depois se aquieta no escuro.